

poderá separá-los. Não há necessidade de exemplos para ilustrar. Lembremo-nos apenas das valiosas publicações do Instituto Histórico Brasileiro por ocasião do centenário do nascimento de D. Pedro II e a bibliografia imensa que se avolumou por ocasião dos centenários de Rui e de Machado de Assis, entre outros.

Tais considerações vieram-nos à mente para o propósito da reunião em volume dos discursos e conferências proferidos em solenidades cívicas por ocasião do centenário do Conselheiro Rodrigues Alves, em 1948. Principalmente no Rio de Janeiro e em Guaratinguetá (terra natal do grande presidente) as comemorações assumiram um caráter cívico raramente alcançado. A margem das muitas sessões comemorativas, inúmeros discursos e conferências, por figuras representativas da cultura nacional, analisaram os vários aspectos não só da vida do Conselheiro, mas da obra que realizou como chefe do governo do Estado e da Nação.

Bem andou, pois a digna Família Rodrigues Alves reunindo em volume todo esse material, que, de outra forma se teria perdido, e que ficará não só como testemunho de que o país não esqueceu o grande presidente, mas também como valiosa contribuição para a história da República.

O volume ora publicado comprehende as comemorações no Rio de Janeiro e em Guaratinguetá. Nesta cidade, tivemos oportunidade de testemunhar de perto o civismo de que se revestiram, pois, coube-nos, por especial indicação da Associação Brasileira de Escritores, então presidida pela inteligência vigorosa de Antônio Cândido, a honra de ser um dos conferencistas da "Semana Rodrigues Alves", na simpática cidade do vale do Paraíba.

Outro volume virá, ao que se anuncia, reunindo provavelmente, as comemorações em São Paulo e nos demais Estados.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE AFRICANISTAS OCIDENTAIS. 2a. conferência (Bissau, 1947). Vols. IV e V. Trabalhos apresentados à 3a. secção (meio humano). Edição do Ministério das Colônias (Junta de Investigações Coloniais). Lisboa, 1952.

Num total de umas 870 páginas reunem-se cinqüenta trabalhos científicos apresentados à Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais reunida em Bissau. São estudos de variedade de natureza, uns de cunho mais histórico ou pré-histórico, outros focalizando aspectos raciais ou culturais, geográficos ou patológicos. Em conjunto, impressiona a riqueza de material novo, colhido através do convívio direto com as populações africanas, mas, de outro lado, é grande o desnível no que respeita à elaboração teórica dos dados. Ao lado de contribuições de especialistas competentes, aparecem comunicações (por vezes interessantes) de curiosos ou simples amadores.

Para dar idéia sumária da multiplicidade de assuntos discutidos, basta lembrar que entre os trabalhos há os que se referem à antropologia física dos Biagós (Emilia de Oliveira Mateus e Amílcar de Magalhães Mateus), os que tratam de problemas de nutrição (Elsey M. Richardson e W. T. C. Berry), os que estudam questões de patologia e medicina (J. Fraga de Azevedo, F. J. Cambournac e Manuel R. Pinto, J. F. Pinto Nogueira e outros), pré-história (J. Joiria e Amílcar de Magalhães Mateus), entomografia (Jacques Bertho, Th. Monod, G. J. Duchemin e outros), musicologia (G. Balandier, P. Mercier e Gilbert Rouge), organização religiosa (G. J. Duchemin), direito (Paul Dubié, Artur Martins de Meireles), aspectos da organização social (Denise Paulme e outros), além de outros setores de menor importância. Poucos autores (A. A. Mendes Corrêa, F. Bonnet-Dupeyron) abordaram questões de mudança cultural e aculturação.

Os volumes, bem impressos e enriquecidos com ótimas ilustrações, constituem valiosa mina de informações para os africanistas em geral, bem como, em particular, para o antropólogo brasileiro interessado em problemas de filiação cultural afro-brasileira.

E. SCHADEN

SERGE (Victor). — Carnets, Julliard, ed.; París, 1952, 220 pg.

Nestes Carnets, Victor Serge, um dos homens inteligentes e sinceros da nossa época, anotou as observações que fazia e as meditações que lhe sugeriam os acontecimentos históricos e as personalidades literárias e políticas do nosso tempo. O livro, que é atraente, tem início em 1936 e termina em 1946, abrangendo um decénio muito rico em destruições e também, talvez, em novas perspectivas... As reflexões de Victor Serge são feitas com simplicidade, mas sempre sugestivas. O livro interessará, cremos, todos aqueles que procuram compreender a significação da história dos nossos dias.

J. CRUZ COSTA

L'HOMME ET L'HISTOIRE — ACTES DU VI.^e CONGRÈS DES SOCIEDADES DE PHILOSOPHIE DE LANGUE FRANÇAISE. (Société Strasbourgeoise de Philosophie). Presses Universitaires de France, 408 pp. París, 1952.

Este livro enfeixa nas suas compactas 408 páginas, a maioria das teses apresentadas ao VI Congresso das Sociedades de Filosofia de Língua Francesa que se reuniu em Estrasburgo, de 10 a 14 de setembro do ano corrente. A obra divide-se em quatro secções que correspondem àquelas em que se dividiu o Congresso. A primeira secção abrange as teses de metodologia; a segunda, as que foram apresentadas sob a rubrica: psicologia e história; a terceira é dedicada ao "sentido da história" e a última à filosofia e a sua história.

Já de si é curiosa a escolha do assunto que serviu de tema central à reunião de Estrasburgo. Ela é reveladora das preocupações que dominam os filósofos contemporâneos. O interesse pelo "sentido da história" é um sintoma da inquietação dos nossos dias, inquietação complexa a analisar e que se nos apresenta também como indicadora de uma certa tendência à profecia...

Abre o volume, o trabalho do único historiador que participou do Congresso — Henri Marrou, especialista assim conhecido de todos os que se dedicam à história, à filosofia e à pedagogia. O trabalho de Marrou intitula-se: Filosofia Crítica da História e "Sentido" da História. Marrou percebe na filosofia crítica da história, duas perspectivas que é interessante confrontar e que se lhe afiguram contraditórias. De um lado, a filosofia crítica da história, tal como a desenvolveu Dilthey, seguindo Rickert, Simmel e Max Weber e que também, de certo modo, é a linha desenvolvida por Husserl, Heidegger e Jaspers. A esse movimento, cumpre uma outra orientação, inspirada na tradição da filosofia inglesa, que também sofre a influência de Benedetto Croce e que se expressa nos trabalhos de Collingwood.

O esforço de todos estes pensadores conduz à afirmação: 1.) — da existência da filosofia crítica da história; 2.º) — na importância que nela tem a criação do historiador.

A história não é, pois, um simples registro de "fatos". A história é o trabalho de um espírito criador que à obra de história imprime um cunho pessoal. O historiador medita sobre o objeto do conhecimento histórico, sobre a experiê-